

NOTAS

Jacques Lacan, La Chose Freudienne

JACQUES LABERGE

Tivemos ocasião de apresentar nesta revista obras de Françoise Dolto e de Maud Mannoni. Como o nome de vários lacanianos são e serão comuns em nossos artigos e resenhas, convém falar do próprio Lacan. Oxalá possa servir de anúncio à publicação brasileira de seu livro "Ecrits" (1966) que se faz muito desejar, além dos 3 Seminários e da entrevista "Televisão" que a editora Seuil lançou nestes últimos anos.

"Ecrits" contém 28 conferências pronunciadas entre 1936 e 1966. Destacamos um artigo que se presta admiravelmente a um início de conversa: "La chose freudienne ou sens d'un retour à Freud en psychanalyse".

Lacan se preocupa em sublinhar a radicalidade da descoberta freudiana. Inicia aludindo ao texto "Uma dificuldade da psicanálise", no qual Freud qualifica a psicanálise de verdadeira revolução coper-

nicana. Assim como a terra não está no centro do mundo, "o centro verdadeiro do ser humano não está, doravante, no mesmo lugar que lhe assinalava toda uma tradição humanista".

Preconiza-se uma volta a Freud porque o a-historismo da cultura americana recuperou totalmente a revolução freudiana, abrindo o caminho ao princípio reacionário da dualidade que separa o doente do médico, o ignorante daquele que sabe.

A leitura da "Interpretação dos sonhos", do caso clínico do "Homem aos lobos" ou do "Além do princípio do Prazer", deve servir não somente para transformar a prática psicanalítica, mas para formar espíritos de especialistas dos outros campos da cultura.

Esta leitura tornaria mais clara a contradição entre o "mic-mac" pré-édipo, à qual se reduz a relação psicanalista para nossos modernos, e o fato de que Freud só ficava satisfeito com a volta ao Édipo.

Um psicanalista deve introduzir-se na distinção fundamental entre significante e significado. São duas redes que não se superpõem. A primeira é a estrutura sincrônica do material da linguagem, enquanto cada elemento toma seu uso exato do fato de ser diferente dos outros. A segunda rede, do significado, é o conjunto diacrônico dos discursos concretamente pronunciados. Só o significante garante a coerência teórica do conjunto como conjunto.

A prática na esfera americana, numa linha de "sucesso" e de "happiness", representa a negação da psicanálise. Pois esse sujeito legatário da verdade reconhecida não é exatamente o "ego" perceptível nos dados mais ou menos imediatos de gozo consciente ou da alienação laboriosa. Justamente uma nova leitura de Freud deve permitir também entender melhor a frase-chave tão mal traduzida, "O ego deve tomar o lugar do id". — Em alemão:

"Wo es war, soll ich werden".

Freud não disse: "das Es", nem "das Ich", como o faz habitualmente para indicar essas instâncias que designam há dez anos sua nova tópica. Visto o rigor inflexível de seu estilo, isto dá um acento particular a seu uso nesta sentença.

O "Wo es War" sugeriria a produção de um verbo: o "se estava", onde se exprimiria o modo da subjetividade absoluta, enquanto Freud o descobria na sua excentricidade radical: Onde se estava é meu dever vir a ser.

O princípio adotado da primazia da análise da resistência não levou a um desenvolvimento favorável. É precisamente na direção de um reforço da posição objetivante no sujeito, que a psicanálise se orientou. Impossível proceder à objetivação do sujeito

a falar-lhe como convém. O reforço do ego leva a posições inaceitáveis como estas: se a saúde do ego é definida pela sua adaptação a uma realidade feita sob medida e se for necessária a aliança da parte sadia do ego para reduzir, na outra parte — claro — discordâncias com esta realidade, chega-se à posição seguinte: a única discriminação que há da parte sadia do ego do sujeito, é seu acordo com a óptica do psicanalista que suposta como sadia, torna-se a medida das coisas; assim não há outro critério da cura do que a adoção completa pelo sujeito desta medida que é a medida do psicanalista, e não há outro fim da psicanálise senão a identificação com o ego do psicanalista.

Ora o ego é um meio — meio da palavra endereçada ao analista a partir do Inconsciente do sujeito, — arma para resistir ao reconhecimento do Ics. Fragmentado, produz a palavra; inteiro, não permite que ela seja entendida. É de fato na desagregação da unidade imaginária constituinte do ego, que o sujeito encontra o material significativo de seus sintomas. E é do tipo de interesse que desperta nela o ego que vêm as significações que desviam seu discurso.

Mas, para nós, a significação decisiva, da alienação constituinte da Urbild do ego, aparece na relação da exclusão que estrutura no sujeito a relação dual de ego a ego.

Ora, na situação analítica, não há somente dois sujeitos presentes, mas dois sujeitos providos cada um de dois objetos que são o ego e o outro, o outro tendo o índice de um “o” minúsculo inicial. O analista intervém concretamente na dialética da psicanálise fazendo o papel do morto, seja pelo silêncio lá onde é o Outro com um “O” grande, seja anulando sua própria resistência quando é o outro com um “o” pequeno.

O analista deve estar compenetrado da diferença radical do Outro, ao qual sua palavra deve se endereçar, e deste segundo outro que é aquele que vê e de quem e por quem o primeiro lhe fala. Pois assim se saberá quem é aquele a quem esse discurso se dirige.

O Outro é então o lugar onde se constitui o eu que fala com aquele que ouve. Mas este lugar, no sujeito, se estende até onde reinam as leis da palavra, isto é, bem além do discurso que recebe suas ordens do ego, desde que Freud descobriu seu campo inconsciente e as leis que o estruturaram.

Neste inconsciente, que não tem nada que ver com tudo o que foi designado sob este nome até então, Freud reconheceu a instância das leis nas quais se fundamentaram a aliança e o parentesco, instalando ali desde a Traumdeutung o complexo de Édipo como sua motivação central. E é o que me permite agora vos

dizer por que os motivos do inconsciente se limitam ao desejo sexual — ponto sobre o qual Freud tomou posição desde o início e nunca voltou atrás. De fato é essencialmente sobre a relação sexual, e com referência à lei das alianças preferenciais e das relações proibidas, que se apóia a primeira combinação das trocas de mulheres entre as descendências nominais, para desenvolver em uma troca de palavras-chaves o comércio fundamental e o discurso concreto que sustentam as sociedades humanas.

Fica cada vez mais claro a intenção de Freud, no momento em que promoveu a tópica do ego, de restaurar no seu rigor a separação, até na sua interferência inconsciente, entre o campo do ego e o campo do inconsciente primeiramente descoberto por ele, mostrando a posição atravessada do ego em relação ao inconsciente, cujo reconhecimento o ego resiste pela incidência de suas próprias significações na palavra.

Nisto reside o contraste entre as significações da culpabilidade, cuja descoberta na ação do sujeito domina a primeira fase da história da psicanálise e as significações da frustração afetiva, da carência instintiva e da dependência imaginária do sujeito que domina sua fase atual e leva a uma propedêutica de infantilização geral.

A análise da resistência se reduz sempre mais à mobilização das defesas. As manobras de cumplicidade dual onde ela se esforça para efeitos de felicidade e sucesso não têm valor aos nossos olhos, senão enquanto diminuem a resistência dos efeitos de prestígio onde o ego se afirma à palavra que se confessa em tal momento da psicanálise que é o momento analítico.

Creemos, diz Lacan, que é na confissão desta palavra, cuja transferência é a atualização enigmática, que a psicanálise deve reencontrar seu centro de gravidade.

“*Adaequatio rei et intellectus*”: (definição aristotélica do conhecimento) o enigma homonímico que podemos fazer surgir do genitivo “rei”, que, sem mudar de acento, pode ser o da palavra “reus”, i. e., o acusado e, metaforicamente, aquele que está em dívida de alguma coisa, toma todo o seu sentido (...) na dívida simbólica de que o sujeito é responsável como sujeito da palavra.

Assim é, partindo das estruturas de linguagem tão manifestante reconhecíveis pelos mecanismos primordialmente descobertos do inconsciente, que voltaremos a retomar nossa análise dos modos sob os quais a palavra consegue saldar a dívida que ela gera.

Que a história da língua e das instituições, e as ressonâncias ateadas ou não na memória da literatura e das significações impli-

cadadas nas obras de arte, sejam necessárias à inteligência do texto da experiência analítica, é um fato do qual Freud, após ter tomado ali sua inspiração, seus métodos de pensamento e suas armas técnicas, dá testemunho tão maciço que se pode tocar apenas folheando as páginas de sua obra. Mas ele não achou supérfluo colocar isto como condição de qualquer instituição de ensino da psicanálise.

Que esta condição seja negligenciada até na seleção dos analistas, não é estranho aos resultados constatados. É de uma iniciação aos métodos do lingüista, do historiador, e diria até do matemático que deve agora se tratar para que uma nova geração de analistas e de pesquisadores redescubra o sentido da experiência freudiana e seu motor. Ali eles encontrarão meios de se preservar da objetivação psico-sociológica, onde o psicanalista em suas incertezas vai procurar a substância do que faz, enquanto só pode lhe trazer uma abstração inadequada na qual sua prática se “enreda” e se dissolve.

Esta reforma será uma obra institucional, pois só pode ser apoiada por uma comunicação constante com disciplinas que se definiriam como ciências da inter-subjetividade — as ciências humanas.

O nosso leitor constata que optamos por uma longa apresentação em lugar de uma resenha como tal. Não encontramos melhor modo para respeitar nosso autor.

Essa conferência de 1955 é fundamental para se entender algo da psicanálise segundo Lacan. A volta a Freud consiste numa volta aos escritos freudianos. Poucos autores atuais conseguiram semelhante articulação com um texto fonte.

A “chose freudienne” é o radicalismo do inconsciente, tão recuperado pela linha americana e tão esquecido em congressos e na prática de psicanálise. Redescobrir o Inconsciente é desvendar a ruptura que divide o sujeito humano. O mérito de Lacan, aliás, é sua teoria do Inconsciente. Poucos, depois de Freud, se aventuraram nestas trilhas rebeldes. Ele se serve da distinção irreduzível entre significante e significado para elaborar o Inconsciente em termos de linguagem. É a tentativa de introduzir a psicanálise no mundo da ciência, isto é, de definir seu objeto.

Quem diz inconsciente, diz sexualidade e culpa. Lembrar isto não é supérfluo.

Temos a impressão que a psicanálise volta às suas origens. Não se trata de matar uma saudade, mas de reabrir hoje com a lingüística moderna uma obra que, como o inconsciente, os homens, incomodados, preferem fechar.